



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

PRESIDENTE MÉDICI



Nosso Caminho

Sexto volume da coleção de discursos presidenciais, «Nosso Caminho» abre a série que recobre os quatro primeiros meses do terceiro ano do Governo Médici.

São onze pronunciamentos que se reúnem em quatro grupos: discursos de Estado — por ocasião da visita presidencial aos Estados Unidos da América; exposição de programas de desenvolvimento — PRODOESTE e PROVALE; mensagens à juventude — a um grupo de engenheiros, em Porto Alegre, e outro, de contabilistas, na Guanabara; e saudações de Natal e Ano Novo.

Os discursos em Washington traçam, com firmeza e nitidez, o quadro das relações entre o Brasil e os Estados Unidos da América e indicam o verdadeiro sentido do diálogo entre os dois países, construído sobre velha e segura amizade. Importantes documentos para a compreensão de nossa política externa, a eles se junta o discurso no Conselho Permanente da Organização dos Estados Americanos, que define o pensamento do Brasil em relação à comunidade de nações americanas e projeta a visão da OEA como «foro de liberdade e não de arregimentação, onde as idéias cresçam e se multipliquem, e não onde se estiolem e sufoquem».

Os pronunciamentos feitos em reuniões do Ministério lançam dois novos programas de desenvolvimento para áreas específicas, PRODOESTE e PROVALE, que, ao beneficiar as regiões do Centro-Oeste e do Vale do São Francisco, robustecem o esforço global pela integração nacional.

Nas mensagens aos jovens, o Presidente Médici renova sua profissão de fé e confiança nos moços de nossa terra, tomados do gosto de viver em um país em construção. É o que diz em «Palavras à juventude» e «Ideal de harmonizar».

Ao falar a estadistas estrangeiros, a ministros, a administradores, a jovens que se iniciam na vida profissional, deixa o Presidente Médici os marcos definidores de um governo profundamente vincado pelo sentido humanista. A mensagem ao povo brasileiro, lida ao findar-se o ano de 71, sintetiza essa filosofia de governo e define o caminho brasileiro: «Voltando-me para o futuro, pressinto sempre maior a contribuição brasileira para os destinos do mundo. Vejo a continuidade e a amplificação de nosso caminho de entendimento, de tolerância e de fé. Vejo chegar, afinal, depois desses 150 anos de vida independente, a emancipação econômica do sonho dos inconfidentes. Vejo o crescimento material irmanar-se com esse humanismo brasileiro que nos distinguiu no mundo em século e melô de trajeto. Vejo o homem como o princípio e o fim de todo o nosso esforço.»

O talento de Ferdy Carneiro novamente nos oferece uma capa rica de sugestões, simples e de fácil apreensão. Desta vez, cria forma abstrato-geométrica, em que se reconhece a transposição dos traços inspiradores de uma bandeira batida pelo vento. A mesma estrutura, a que se aplicarão diferentes combinações das cores nacionais, servirá para identificar a série iniciada com «Nosso Caminho».



Nosso Caminho

Publicações anteriores:

O JOGO DA VERDADE (3.ª edição)

NOVA CONSCIÊNCIA DE BRASIL (2.ª edição)

A VERDADEIRA PAZ (2.ª edição)

TAREFA DE TODOS NÓS

O POVO NÃO ESTÁ SÓ

Nosso Caminho

Emilio Garrastazu Médici

Capa de FERDY CARNEIRO

“Voltando-me para o futuro, pressinto sempre maior a contribuição brasileira para os destinos do mundo. Vejo a continuidade e a amplificação de nosso caminho de entendimento, de tolerância e de fé. Vejo chegar, afinal, depois desses 150 anos de vida independente, a emancipação econômica do sonho dos inconfidentes. Vejo o crescimento material irmanar-se com esse humanismo brasileiro que nos distinguiu no mundo em século e meio de trajeto. Vejo o homem como o princípio e o fim de todo o nosso esforço.”

PRODOESTE



“Resolvi instituir, agora, o Programa de Desenvolvimento do Centro-Oeste — PRODOESTE — destinado a incrementar o desenvolvimento econômico do sul dos Estados de Mato Grosso, de Goiás e do Distrito Federal.”

QUER o Governo que todas as regiões do País se incorporem, consoante o seu potencial de riqueza, ao processo nacional de desenvolvimento, não admitindo, assim, que o progresso econômico-social se restrinja a determinadas porções do nosso território.

Cumpre-lhe, desse modo, promover, sem prejuízo do ritmo de crescimento que se assinala no Centro-Sul, a descentralização da economia, conferindo para isso, em outras regiões, aos fatores da produção, os elementos de que necessitam para explorar convenientemente as virtualidades do ambiente.

Incumbe-lhe, pois, expandir as nossas fronteiras econômicas e sociais, sem que se enfraqueça o dinamismo dos núcleos mais desenvolvidos, a fim de acelerar o crescimento do País e diminuir as principais tensões internas e externas, que são inerentes ao próprio fenômeno do desenvolvimento.

Presidiu essa política ao lançamento do Programa de Integração Nacional, filiando-se a igual inspiração o Programa de Redistribuição de Terras e de Estímulos à Agro-Indústria do Norte e do Nordeste, programas em cujo âmbito de influência direta e imediata se compreende cerca da metade do território nacional.

Adotadas, mediante essas grandes iniciativas, as providências indicadas para melhor aproveitamento, no Norte e Nordeste, dos meios de produção, imprescindível era que o Governo voltasse os olhos para as áreas, altamente promissoras, do Centro-Oeste, a fim de acelerar a incorporação de mais uma considerável parcela do nosso patrimônio territorial ao processo da integração econômica do Brasil.

Para atingir esses objetivos, resolvi instituir, agora, o Programa de Desenvolvimento do Centro-Oeste — PRODOESTE — destinado a incrementar o desenvolvimento econômico do sul dos Estados de Mato Grosso, de Goiás e do Distrito Federal. O PRODOESTE objetivará a construção imediata de uma rede rodoviária básica, prioritária, conjugada a um sistema de estradas vicinais e a uma rede de silos, armazéns, usinas de beneficiamento e frigoríficos, bem como a realização de obras de saneamento geral, retificação de cursos de água e recuperação de terras.

Visa o novo Programa a desenvolver e modernizar a agricultura e a pecuária na região Centro-Oeste, onde se desdobram vastas áreas extremamente favoráveis a tais atividades. Entre essas áreas se contam: a região sudoeste de Goiás, na qual despontam os pólos de Rio Verde, Itumbiara e Jataí; a região do Planalto, no sul do Estado de Mato Grosso, compreendendo as cidades de Campo Grande, Rio Brilhante e Dourados; a região do Pantanal, situada entre o rio Apa e os municípios de Porto Murtinho, Aquidauana, Corumbá, Miranda e Coxim, com extensão equivalente à do Estado de São Paulo, e a região do Alto Paraguai, cujo desenvolvimento é embaraçado, como ocorre em relação às demais, pela deficiência do sistema de transporte, armazenamento e de outras obras de infra-estrutura.

O PRODOESTE proporcionará ligação adequada dessas áreas aos principais centros de consumo, industrialização e exportação, implantando, para isso, eficiente sistema viário.

Além do estabelecimento, até 1974, da rede rodoviária básica, na região Centro-Oeste, o PRODOESTE criará o necessário sistema de estradas vicinais, a fim de canalizar a produção para os grandes eixos rodoviários.

Conjugado ao sistema de transportes, o PRODOESTE proverá, quanto à constituição de extensa rede de silos, armazéns, usinas de beneficiamento e frigoríficos, em função das áreas produtoras, dos fluxos de produção e dos centros consumidores.

Apressar-se-á, ainda, dentro desse Programa, a execução, particularmente na área do Pantanal, em Mato Grosso, do grande projeto — para o qual colabora fundo especial das Nações Unidas — de saneamento da região Centro-Oeste. Mediante a abertura de canais e a construção de diques e barragens, proceder-se-á à recuperação de terras, à consolidação de perímetros agricultáveis e à delimitação de áreas para proteger os rebanhos em época de enchente.

Obras de drenagem, irrigação e defesa contra inundações serão levadas a efeito, ainda, nas regiões de Rio Verde, Ceres e Anápolis-Goiânia, no Estado de Goiás, a bem de melhorar a produtividade e expandir a produção. Serão ampliados, além disso, os trabalhos de retificação dos cursos de água e saneamento em geral, compreendendo-se, notadamente, entre as beneficiárias desse esforço as cidades de Campo Grande, Cuiabá, Anápolis e Goiânia.

O Programa é estabelecido com recursos financeiros já disponíveis, dentro do orçamento fiscal e do orçamento monetário. Sem aumento de impostos e sem tocar nos incentivos destinados ao Nordeste e à Amazônia, o Governo toma, neste momento, mais uma decisão de grande alcance no sentido de proporcionar a regiões menos desenvolvidas a oportunidade de crescer rapidamente e de integrar-se no mercado nacional.

(Discurso perante o Ministério, no Palácio do Planalto, anunciando a criação do PRODOESTE, a 8 de novembro de 1971).

DIALOGO FRATERNAL

“Pareceu-me esta a mais feliz das oportunidades, não apenas para reafirmar velha e segura amizade, mas também para encontrar as bases de novo diálogo, fraternal, franco e objetivo, entre os Estados Unidos da América e a República Federativa do Brasil.”

SENHOR Presidente:

Foi com alegria e emoção que respondi ao convite de Vossa Excelência para visitar os Estados Unidos da América. Pareceu-me esta a mais feliz das oportunidades, não apenas para reafirmar velha e segura amizade, mas também para encontrar as bases de novo diálogo, fraternal, franco e objetivo, entre os Estados Unidos da América e a República Federativa do Brasil. Neste importante momento de suas histórias nacionais, nossos países se encontram, em nossas pessoas, desejosos de estabelecer novo ponto de partida para mais estreita colaboração no futuro.

Os problemas do presente e as perspectivas do futuro tornam este reencontro de transcendental importância para nossos povos. Nossas relações pacíficas se têm mantido inalteráveis e nossa amizade se consolidou em momentos extremamente difíceis para ambos, em efetiva cooperação e exemplo de convivência e de respeito mútuo. É chegado agora o momento de edificar sobre o terreno desta amizade. Com esse objetivo — que sei também ser o de Vossa Excelência — é que me valho da acolhida e da hospitalidade deste grande país.

Nossas relações nos anos vindouros não poderão deixar de refletir as promessas e incertezas que se acumulam no panorama internacional. Tampouco poderão deixar de ajustar-se às novas realidades mundiais e ao estágio de evolução histórica de cada um dos nossos países. Inspirada no passado, a colaboração entre o Brasil e os Estados Unidos terá de buscar, agora, com imaginação, novos meios e instrumentos que reflitam essas realidades.

Não pode a nossa posição ser a mesma diante de todos os problemas internacionais, nem é isto o que se espera de nossa franca e leal amizade. Esforcemo-nos contudo para que nossas políticas sejam convergentes sem pretendermos a coincidência em todos os casos. O Brasil de hoje, em pleno desenvolvimento, aceita o desafio da História, que lhe atribui crescente responsabilidade no concerto das nações. É com esta convicção, em espírito de fraterna amizade, que venho ao encontro de Vossa Excelência.

Senhor Presidente:

Seja este primeiro momento — um momento de fé e confiança. Fé no que havemos de construir juntos para o bem-estar de nossos povos e confiança comum na causa da Justiça, do Progresso e da Paz.

É esta a mensagem que trago do povo brasileiro e de que peço seja Vossa Excelência o alto intérprete junto ao povo americano.

(Discurso no primeiro encontro com o Presidente Richard Nixon, dos Estados Unidos da América, em 7 de dezembro de 1971, na Casa Branca, em Washington).

MOMENTO DE AMIZADE



“Levarei comigo a lembrança deste momento — momento de amizade e de confiança, em que conversamos sobre problemas, preocupações e esperanças comuns.”

SOU muito reconhecido a Vossa Excelência por esta cordial acolhida no Departamento de Estado, nesta sala dedicada à memória de Thomas Jefferson, e levarei comigo a lembrança deste momento — momento de amizade e de confiança, em que conversamos sobre problemas, preocupações e esperanças comuns.

Podemos conversar livremente, num clima de franqueza e objetividade, com firmeza de propósitos e de opiniões próprias e sem o risco de mal-entendidos e de incompreensões. A base de confiança que alicerçamos entre nós permite que este diálogo se efetue em um novo tom de realismo, sem a necessidade de retóricas e de falsos otimismo. Devemos falar a linguagem da verdade e da sinceridade, e somente sobre esta base conseguiremos realizar algo de permanente e de duradouro.

Os contatos que mantive esta manhã com o Presidente Richard Nixon, contatos que terão seu seguimento natural nos próximos dias, me convencem de que é chegado o momento para a fixação de um novo ponto de partida nas relações pacíficas e amistosas entre o Brasil e os Estados Unidos da América.

A amizade entre os dois países é um fato histórico e um dado permanente da política externa de

um e de outro país. Chegou agora o momento de construir e de edificar sobre esta amizade. É para esta tarefa de construção, é para este esforço de compreensão recíproca que devemos mobilizar nossa imaginação e nossa energia criadora. O diálogo que agora iniciamos continuará por anos e por décadas, através das vicissitudes da História e das transformações que incessantemente se operam, e nosso contato de hoje não fez senão confirmar-me neste pensamento e nesta convicção.

É neste espírito, Senhor Secretário de Estado, que desejo erguer minha taça à felicidade pessoal de Vossa Excelência e de seus colaboradores nesta casa e à grande causa da cooperação e da amizade entre o Brasil e os Estados Unidos da América.

(Discurso durante o almoço oferecido pelo Secretário de Estado dos Estados Unidos da América, no Departamento de Estado, em Washington, em 7 de dezembro de 1971).

REALIDADE EM MUTAÇÃO

“O Brasil não se pode mostrar inditerente e apático diante de novos fatos e circunstâncias, diante de uma realidade em mutação, da qual deveremos emergir para edificar novo ordenamento mundial, nos planos político, diplomático, econômico, financeiro e monetário.”

SENHOR Presidente:

Nas palavras de Vossa Excelência encontro, não apenas gesto de fraternal acolhida, mas também determinação de preservar e fortalecer a tradicional solidariedade entre nossas pátrias. Minha esposa e eu — e todos os membros de minha comitiva — guardaremos sempre a grata lembrança do convívio desta noite, da alegria deste momento, proporcionado pela amável hospitalidade da Senhora Nixon e de Vossa Excelência.

Aqui estamos, Senhor Presidente, para franca conversa de amigos, para troca de pontos de vista e de experiências, para recordar o passado de lutas comuns, para discutir os problemas do presente e, sobretudo, estabelecer planos de longo alcance para o futuro. Aqui estamos para um esforço conjunto na fixação de novo ponto de partida, mutuamente frutífero, para as relações invariavelmente pacíficas entre as duas nações que representamos.

Reunimo-nos demoradamente, na manhã de hoje, cômicos de que nossos pontos de vista nem sempre podem ser coincidentes. Não perdemos, porém, um só momento, o objetivo de procurar harmonizá-los e de integrá-los na mais ampla colaboração, não apenas benéfica para ambos os países, mas

importante para o encaminhamento e solução dos problemas tanto do Hemisfério quanto mundiais. Nossa amizade passou por todas as provas da paz e da guerra, e os Estados Unidos sabem que sempre encontrarão no Brasil um aliado leal e independente.

O Brasil não se pode mostrar indiferente e apático diante de novos fatos e circunstâncias, diante de uma realidade em mutação, da qual deveremos emergir para edificar novo ordenamento mundial, nos planos político, diplomático, econômico, financeiro e monetário. Deste mundo novo temos de aproximar-nos sem idéias preconcebidas, sem posições irremovíveis. O que nos parece imperioso é que esse novo ordenamento mundial inicie fase também inteiramente nova, de paz, de justiça e de progresso para todos os membros da comunidade das nações.

As vozes brasileiras e americanas, que se misturam em torno desta mesa, estão impregnadas do mesmo sentimento de amizade e de igual anseio de realização. Vozes que não têm dificuldade de se fazerem ouvidas e entendidas e compreendidas. Vozes que se conjugam em propósitos comuns, mas não renunciam a sua identidade própria, autônoma e espontânea. Sobre a base da confiança recíproca, do respeito mútuo e da igualdade de direitos é que preservaremos a grande amizade, amizade que o interesse comum nos indica e nos impõe.

Neste espírito e com este pensamento, peço a todos os presentes que levantemos nossas taças à saúde da Senhora Nixon e do Presidente dos Estados Unidos da América, à grandeza e felicidade da grande nação americana que nasceu e prosperou sob a égide da liberdade.

(Discurso durante o jantar oferecido pelo Presidente Richard Nixon, na Casa Branca, em Washington, em 7 de dezembro de 1971).

FORO DE LIBERDADE

“Este o grande papel reservado para a Organização dos Estados Americanos: o de foro de liberdade e não de arregimentação, onde as idéias cresçam e se multipliquem, e não onde se estiolem e sufocuem.”

RECEBO as palavras de Vossa Excelência, Senhor Presidente, como expressão da homenagem que presta ao Brasil a comunidade das nações americanas, tão nobremente aqui representadas. Recebo-as como palavras de fortalecimento dos laços indissolúveis, forjados através da nossa História comum, e que definem a fisionomia moral da América.

A saudação de Vossa Excelência é também a do representante de um país irmão, a Costa Rica, exemplo de devoção ao ideal da unidade latino-americana e da solidariedade continental. Ao agradecer-lá, tenho presentes o seu alto significado e a honra de havê-la merecido.

A visita a este Conselho era parte indeclinável do programa de minha viagem. Graças ao convite que Vossa Excelência se antecipou em fazer-me, em nome de seus pares, encontro-me, neste momento, com os plenipotenciários das nações americanas.

Esta Organização, a serviço dos altos ideais que presidiram sua criação, retoma seus passos sob a égide da atual Carta, que lhe imprime novo dinamismo, em consonância com os anseios e aspirações dos povos americanos. Nesta nova fase de seu destino, quer emprestar aos países do Hemisfério sua colaboração ao desenvolvimento econômico, dinâmico

e harmônico, reconhecido e proclamado como indispensável à paz e à segurança.

O Brasil, que, sem hesitar, trouxe o mais decidido apoio à tarefa de reformulação da Carta, está atento às peculiaridades do mundo contemporâneo e à extraordinária rapidez da História de nosso tempo. A obra de soerguimento nacional a que o meu país se vem dedicando, com tanto êxito, a partir de 1964, visa a permitir o aproveitamento integral de seus recursos, para que venha colocar-se, em curto prazo, na comunidade das nações, na posição indicada pelos seus recursos naturais e pelas exigências da nova sociedade industrial. Defrontamos, hoje, nosso destino, possuídos de sentimento da mais legítima confiança.

Senhor Presidente:

Persuadido da absoluta unidade de objetivos e ideais que inspiram nossos povos, reconheço que o desenvolvimento constitui responsabilidade primordial de cada um dos Estados do Continente, empenhados, como estamos, em mobilizar recursos humanos e materiais, para nos ajustar ao acelerado progresso da sociedade contemporânea. A Carta da nossa Organização prescreve essa mobilização de esforços, sem deixar de ressaltar a necessidade de resguardar-se a soberania e a entidade moral de cada um dos nossos Estados. Releva, entretanto, ter presente a conveniência da reformulação do nosso velho conceito de vizinhança.

Já não nos encontramos espiritualmente separados pelas distâncias físicas, nem pelo desconhecimento recíproco. Ao contrário, cada vez mais nos acercamos uns dos outros, passando a conhecer

fronteiras econômicas vivas e articuladas por moderna infra-estrutura de transportes e por sistema de comunicações cada vez mais ágil e universal.

Os imperativos da geografia reclamam, em quase todos os países, exata consideração dos problemas de desenvolvimento regional, da tecnologia que lhe é mais adequada, das exigências do meio e dos processos para cada caso. A colaboração da OEA, em estudos de alta complexidade ligados a esses temas, merece ser ressaltada, pela sua inteligência do papel histórico de preservação da fisionomia política, geográfica e cultural do Hemisfério.

A concepção de que o desenvolvimento repousa no esforço nacional, atento às peculiaridades regionais, está longe de significar que o caminho a percorrer deve ser solitário. Mais do que nunca se impõem, assim, a cooperação e a solidariedade interamericanas e a ação concertada da América Latina, dada a analogia dos seus problemas básicos. Diante da estreita correlação entre o desenvolvimento econômico e social e o comércio exterior, torna-se indispensável esforço conjunto, vigoroso e sempre renovado, para corrigir deformações e afastar empecilhos ao ritmo do nosso desenvolvimento.

A cooperação para o desenvolvimento econômico e social deve, entretanto, processar-se em clima de autêntica solidariedade política e perfeita harmonia com os planos nacionais, definidos e elaborados sob a responsabilidade exclusiva dos Estados, pois a cada um deles cabe forjar seu próprio destino.

Um dos objetivos capitais da política exterior de meu governo consiste no esforço para corrigir-se a defeituosa e injusta estrutura do comércio interna-

cional e lograr-se tratamento equânime a todos os países, a fim de transformá-lo em poderoso fator de desenvolvimento. Dando continuidade a esse esforço, usaremos todos os foros necessários para marcar a firmeza de nossas posições.

Senhor Presidente:

A Organização dos Estados Americanos, a mais antiga das entidades políticas internacionais, recolheu, no longo caminho percorrido, notórios títulos de que se pode orgulhar. Sua obra de estruturação jurídica marcou o Direito Internacional com princípios que definem substancial contribuição da América. O aspecto central da Organização, entretanto, foi sempre o de resguardar, sem prejuízo da soberania e da liberdade de ação dos povos do Hemisfério, os seus interesses comuns, tais como a defesa coletiva contra agressão externa, o primado da solução pacífica dos conflitos e das controvérsias sem prescrição de foro *ad-hoc*, a preservação das tradições e dos costumes das nações americanas.

A Organização sempre se esforçou em comprovar que as nações dela componentes se associam, se unem, se justapõem, sem prejuízo de sua identidade, preservando seus traços essenciais e a originalidade de sua formação. O sentido continental da Organização nunca permitiu, além disso, que seus integrantes se isolassem nos amplos espaços geográficos da América. Sempre nos mantivemos abertos às relações com todos os povos, sem esquecer que os países do nosso continente se formaram mediante esforço conjugado das mais diversas raças, vindas de todos os pontos da terra e com extraordinária contribuição da cultura e da civilização européias.

Não deve, pois, a OEA representar, para o Hemisfério, estágio a caminho do isolamento. Cumprilhe constituir foro, onde se harmonizem e se conjuguem os pontos de vista dos países americanos, para mais ampla e mais ativa participação na comunidade das nações. Cumprilhe, sobretudo, ser fonte de idéias e concepções novas, para solução dos problemas comuns.

A ação dos países latino-americanos não pode, contudo, circunscrever-se a este foro. Impõe-se, por vezes, transcendê-lo, no processamento e depuração de idéias universais, como ocorre, por exemplo, com o reconhecimento, que ora buscamos, no âmbito das Nações Unidas, da legitimidade do princípio da segurança coletiva no domínio econômico. Ao sustentar a íntima correlação entre os conceitos de segurança internacional, de desarmamento e desenvolvimento econômico, as nações latino-americanas assumiram, na vigésima quinta e na vigésima sexta Assembléias Gerais da ONU, posição definida e autônoma perante os grandes problemas de nosso tempo. Idéias que aqui se conceberam e aqui se desenvolveram são, assim, transportadas, com firmeza e imaginação, para o foro maior da comunidade das nações.

Essas novas posições, assumidas pela América Latina, revelam a vontade política de contribuir nossos países para o encaminhamento da solução dos grandes problemas internacionais, não se resignando, assim, à situação de meros espectadores da História. Este o grande papel reservado para a Organização dos Estados Americanos: o de foro de liberdade e não de arregimentação, onde as idéias cresçam e se multipliquem, e não onde se estiolem e sufoquem.

Estimuladas pela construção de grandes vias de transporte, pela rápida industrialização e pelas novas

correntes de comércio, as relações entre os povos do Hemisfério tendem a aumentar dia a dia. O crescimento demográfico, os planos de colonização regional e os esforços de redistribuição populacional eliminam vazios geográficos, articulando, entre si, em proveito da unidade continental, centros de civilização, antes isolados uns dos outros. À OEA estará reservado, pois, grande papel no futuro da América, se ela, como espero, souber ajustar-se aos desafios que a inquietam.

Essa incursão pelos caminhos do futuro não nos dispensa de assinalar que: não obstante as vicissitudes de sua história, a Organização tem procurado ser fiel ao mandato e às aspirações de que é depositária. Nas horas mais graves da vida da América, seu foro esteve sempre aberto para o debate franco, sincero e vigoroso. Os povos aqui representados esperam que a OEA, tão vinculada a seus mais íntimos anseios, continue a conduzir-se com firmeza e decisão no trato dos grandes problemas continentais, examinando os temas de sua competência sem subterfúgios nem limitações.

Senhores Embaixadores e Representantes:

Peço-lhes transmitir aos seus governos e aos seus povos que o Brasil, nação irmã, se empenha, com firmeza e decisão, em somar cada vez mais esforços, para, unidos, construirmos, na coletividade americana, o solar de liberdade e justiça, compatível com a índole de nossos povos e com o desenvolvimento a que aspiramos para todo o Continente.

Muito obrigado.

(Discurso perante o Conselho Permanente da Organização dos Estados Americanos, em Washington, em 8 de dezembro de 1971).

CONCEITO DE INTERDEPENDÊNCIA



“O Brasil está convencido de que, para ser efetivo, qualquer passo concreto no sentido da realização do conceito de interdependência dos diferentes membros da comunidade das nações há de pressupor, necessariamente, os estágios prévios de soberania política e de emancipação econômica.”

SENHOR Vice-Presidente:

Minha esposa e eu somos profundamente reconhecidos à Senhora Agnew e a Vossa Excelência pela cordial acolhida que nos dispensam nesta Casa de nobres tradições.

Venho a este país menos com a intenção de tratar de questões e problemas específicos do que com o espírito, que também encontro no Presidente Nixon, de fixar um novo ponto de partida na cooperação entre as duas nações, compatível com as realidades do mundo e com as posições de nossos países diante dos problemas universais.

Nunca se afigurou este diálogo tão necessário e oportuno como agora, quando imensas transformações se operam na vida, no pensamento e na atitude dos dois países.

Vivemos em momento de transição num mundo em transição. As bruscas mudanças dos últimos meses — tanto na área política e diplomática, quanto na área financeira e monetária — vieram submeter a dura prova as idéias, doutrinas e concepções que sustentavam o mundo ocidental desde o fim da Segunda Guerra Mundial; e estão precipitando o advento de um período fluido e movediço, incerto e cambiante, pejado a um só tempo de apreensões e

de esperanças, período para o qual se poderia encontrar paralelo histórico nos anos de 1945 e 1948, quando se assentaram as bases e se traçaram as grandes linhas que permitiram a reconstrução e o progresso do mundo em que então vivíamos. Neste estágio de transição, quando se discutem novas bases de convivência e cooperação internacional, que não podem deixar de refletir-se no plano nacional, o Brasil não calará sua voz nem recusará sua cooperação nos foros mundiais e continentais, assim como no diálogo bilateral com países amigos como este, que são também velhos companheiros na luta em defesa da liberdade e da dignidade do homem, como criatura de Deus e criador de valores espirituais.

O Brasil cresceu, amadureceu e diversificou-se em sua unidade indestrutível. Não se omitirá nem fugirá à sua parcela de responsabilidade dentro da comunidade das nações, animado como está de um profundo e sincero desejo de participação. Participação nos direitos e nos deveres de um novo ordenamento mundial que, para ser duradouro, não pode basear-se em considerações de uma política de poder, efêmera e mutável por sua própria natureza, além de injusta e discriminatória.

O Brasil não acredita que os problemas mundiais possam ser examinados e resolvidos mediante um congelamento da estrutura do poder mundial, nem pelo estabelecimento de esferas de influência. Não podemos aplicar a nosso século esquemas e artifícios políticos anacrônicos. O rio da História terá de seguir seu curso — e isto implica mutações, transformações e deslocamentos de poder. Acreditamos em uma comunidade de nações livres e soberanas que sentem a necessidade histórica de afirmar-se, num mundo em que o progresso e o desenvolvimento de

uns não devem assentar em sacrifícios e prejuízos de outros, em que a soberania deve ser um instrumento de liberdade comum. Por isso mesmo, o Brasil está convencido de que, para ser efetivo, qualquer passo concreto no sentido da realização do conceito de interdependência dos diferentes membros da comunidade das nações há de pressupor, necessariamente, os estágios prévios de soberania política e de emancipação econômica.

Nas relações entre nossos dois países, teremos de separar o transitório do permanente, o contingente do essencial e impedir que pequenos pontos conflitantes possam comprometer as bases de uma cooperação de longo alcance, cooperação que considero vital e indispensável, não apenas para ambos os países, mas para a preservação da paz e da segurança no Hemisfério.

Não tolera o povo brasileiro qualquer intervenção em assuntos de sua exclusiva jurisdição doméstica. Em face das ameaças de interferência externa, adotamos medidas de segurança para nos defendermos das tramas e urdiduras daqueles que, por métodos violentos, inspirados de fora, buscavam, ainda que em vão, perturbar nossa paz e tranquilidade e destruir as bases de uma sociedade livre, orientada no sentido do progresso social e do desenvolvimento econômico. Essa a sociedade que estamos construindo, voltada para o homem, que deve ser o princípio, o meio e o fim de toda organização política. As medidas que, com aquele propósito, o Brasil tomou na defesa de sua sobrevivência, expuseram-nos a incompreensões e mal-entendidos que lamentamos, mas que não poderão afastar-nos do caminho que nós mesmos soberanamente escolhemos.

Com uma taxa superior a 9% no crescimento anual de seu Produto Nacional Bruto; com seu parque industrial florescente; com seu crédito internacional restabelecido; com um programa educacional que representa hoje o mais alto investimento do orçamento da República; com um ambicioso plano de promoção social, destinado a reduzir as diferenças regionais e a proporcionar o bem-estar a cada família; com uma população que aumenta dia a dia para enfrentar as necessidades de ocupação de seu território, que tem, como este país, as dimensões e as características de um continente; com a obra de audácia e imaginação com que corta e ocupa sua região amazônica — o Brasil realiza a única expansão a que tem direito, mas à qual não pode renunciar, a grande expansão que empreende dentro de suas próprias fronteiras mediante o trabalho incessante de seu povo e com a colaboração da ciência, da tecnologia e dos recursos de todos os que se queiram unir a este nosso gigantesco esforço. O Brasil tem hoje plena confiança em si mesmo.

Senhor Vice-Presidente:

No Brasil, acompanhamos, com fraternal interesse, o que aqui se faz e o que aqui se pensa e, se algumas vezes tivemos dificuldades em pôr-nos de acordo, sempre nos foi fácil compreendermo-nos mutuamente. A compreensão pode ser mesmo mais importante do que o acordo. Procuremos expandir nossas áreas de acordo e tornemos indestrutível nossa mútua compreensão.

Com franqueza e objetividade queremos conduzir nosso diálogo permanente com os Estados Unidos da América, diálogo de paz, de entendimento e de realizações comuns.

Voltarei a meu país com a certeza de que, não obstante as transformações e as mudanças que aqui, como no Brasil, se operam, dentro de nossas respectivas e peculiares condições econômicas e sociais, este povo, como o povo brasileiro, se mantém fiel a si mesmo, aos ideais que presidiram à formação das estruturas políticas dos dois países, fiel à liberdade, que é a nossa razão de ser e o nosso destino.

É com este espírito que brindo à saúde da Senhora Agnew e de Vossa Excelência, na certeza de que novos vínculos, fortes e poderosos, se forjaram, em dezembro de 1971, entre os Estados Unidos da América e o Brasil.

(Discurso durante o almoço oferecido pelo Vice-Presidente Spiro T. Agnew, dos Estados Unidos da América, na Anderson House, Washington, em 8 de dezembro de 1971).

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

O ÂNIMO PARA FAZER

2017

2018

2019

2020

2021

2022

2023

2024

2025

2026

2027

2028

2029

2030

2031

“Hoje, já nos últimos dias deste venturoso 1971, ousou fazer o mesmo pedido, para que as bênçãos sejam derramadas sobre o nosso povo. Para nós, pessoalmente, nada pedimos, a não ser que nos mantenha o ânimo para fazer o que deve ser feito.”

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

HÁ um ano, neste mesmo dia, na véspera da maior data da cristandade, numa cerimônia como esta, em que recebia o carinho dos meus Ministros e auxiliares, eu agradei a Deus o ano que nos havia dado, não a nós em particular, mas ao Brasil. Pedimos ao Criador de todas as coisas que nos proporcionasse um 1971, senão melhor, pelo menos igual a 1970. Generoso foi o Criador, ao atender as nossas preces. O ano que finda parece que não surpreendeu só aos dirigentes, que tivemos, em todos os momentos, os olhos e os interesses voltados para o bem do Brasil e para a melhoria de vida do povo.

Parece-me que não há mais dúvida de que o Brasil, em 1971, adquiriu finalmente o lugar que lhe cabia como grande nação.

Generoso foi o Criador em atender as nossas preces.

Hoje, já nos últimos dias deste venturoso 1971, ousou fazer o mesmo pedido, para que as bênçãos sejam derramadas sobre o nosso povo. Para nós, pessoalmente, nada pedimos, a não ser que nos mantenha o ânimo para fazer o que deve ser feito.

Nada mais peço do que coesão e união desta equipe que me acompanha. Desejo que em 1972 os

meus auxiliares, que sempre me acompanharam, relegando a plano secundário seus interesses pessoais, continuem cerrando fileiras em torno do chefe que os orienta, no sentido da grandeza da Pátria.

Para nós, o maior galardão será entregar aos futuros governantes da República o País com novos padrões morais e novas maneiras de viver, em que a pessoa humana seja o princípio e o fim de todas as preocupações.

Quero desejar, neste Natal, toda ventura, unindo-se todos os corações e irmanando-se nos melhores sentimentos, e que tudo sorria no ano de 1972.

(Improviso de agradecimento à saudação dos Senhores Ministros de Estado — feita pelo Ministro Mário Andreazza — por ocasião dos festejos natalinos, em 23 de dezembro de 1971).

PALAVRAS À JUVENTUDE

“Sinto o impulso de afirmação nacional da juventude, e dele faço o motor de todos os gestos e decisões.”

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

Moços de minha terra, novos engenheiros do Rio Grande:

Impossibilitado de estar presente à diplomação de todos os formandos que, na imensa extensão de nosso país, me trazem, no símbolo do paraninfo, a generosidade e a confiança dos moços, tenho feito representar-me pelos meus Ministros mais ligados às carreiras que se iniciam.

No entanto, as raízes que me atraem a esta Universidade do Rio Grande do Sul, a esta Faculdade de Engenharia, e até a este Salão Nobre — onde hoje vos sagrais engenheiros — levam-me a dizer-vos, com os olhos de minha experiência e na voz de meu filho, as palavras que a todos os jovens brasileiros eu teria dito.

Há pouco menos de duas décadas, e ao longo de mais de dois anos, meu pensamento e meu desvelo aqui viveram, posto que, Comandante do CPOR de Porto Alegre, a gente da Universidade era a mesma gente do meu quartel.

Aqui, neste mesmo Salão Nobre, em 1957, vi meu primeiro filho diplomar-se engenheiro e, nove anos depois, já feito paraninfo, ouvi-o falar, por sua vez, a outros engenheiros. E, no ano passado, esta Casa, assim tão ligada à minha vida, deu-me a emoção e a láurea do doutorado de honra.

Mais não preciso dizer-vos para a compreensão do mensageiro e da mensagem. É que vindo falar, aos diplomados de hoje, pela voz de meu filho, vosso professor, tenho o pensamento nos moços que comandeí, evoco os meus próprios dias jovens e sinto que não há uma juventude isolada no tempo, senão que existem juventudes que se vão sucedendo solidárias.

Bem sei que não me haveis tomado, a mim, como pessoa, para vosso paraninfo; que não haveis buscado um nome, mas um símbolo; que haveis querido homenagear, não um homem, mas a nova realidade da administração pública brasileira, voltada para o bem comum; um momento da História; o tempo em que, afinal, começa a realizar-se este país.

Em meio à correspondência, que me chega, aos milhares, todo mês, dando-me o sinal da sintonia entre Governo e povo, procuro o que me dizem os jovens, e encontro sempre quem me pergunte se acredito e se confio na juventude, como se possa haver alguém que nela não acredite e não confie.

Sinto, nas características essenciais da juventude, os mesmos impulsos maiores com que aceitei a missão que me tocou, e com que busco cumpri-la, pois vejo, no descompromisso e no idealismo, a marca mais viva dos que permanecem jovens.

Acredito e confio na juventude sem compromisso, a não ser os que a gente assume perante Deus e a consciência dos homens; a juventude liberta de vinculações definitivas a ideologias, sistemas e radicalismos; a juventude liberta dos interesses esmagadores, das palavras de ordem fanatizantes, das fórmulas feitas, das convenções aceitas, das obrigações inapeláveis, dos determinismos e dos tabus.

Com esse impulso também até aqui cheguei: sem compromissos. Vim de mãos livres e limpas, sem pagar a ninguém o que não devo. E sinto que esse meu descompromisso, aos jovens, ainda mais me afeiçoa.

Confio e acredito na juventude que tem o seu idealismo enraizado em nossa gente. A juventude é a hora que alimenta grandes e nobres aspirações; a gente a quem nada parece impossível, e cujos ideais não se amesquinham na conveniência, na cupidez, na ambição, antes se sublimam na dádiva e no amor.

Não tenho como jovens os que, ainda que verdes, se devastam na violência e no vício; os que muito cedo provaram o azinhavre da descrença de tudo; e os que, feitos robôs, envileceram e envelheceram roubando, mentindo e matando, contra a lei de Deus e dos homens, contra seu povo.

Mais acredito e confio na mocidade, quando a vejo, como tantas vezes a vi, nos passos que tenho dado por todo o Brasil. No engenheiro gaúcho, que eu conheci no CPOR, e depois fui encontrar feliz por ter rasgado, na rocha da Serra do Mar, o túnel da Usina de Capivari. Confio na juventude capaz de repetir o agrônomo da agrovila da estrada pioneira, o médico que foi começar por dentro do Brasil, e o moço engenheiro de Altamira, ali vivendo, testemunha da selva e do rio, junto à esposa — campeã de tênis na cidade grande — e os cinco filhos pequeninos, a grande aventura que vale todas essas e as nossas vidas.

Sinto o impulso de afirmação nacional da juventude, e dele faço o motor de todos os gestos e decisões.

A afirmação nacional ilumina os canteiros de trabalho que hoje se abrem ao vosso idealismo: o Programa de Integração Nacional, o PROTERRA, o PRODOESTE, os programas viários, os energéticos, o siderúrgico, os de mineração, os de telecomunicações, o de habitação, os de construção aeronáutica e naval.

A afirmação nacional alimenta nossos anseios de concórdia e união, a motivação popular, o desafio à participação.

A afirmação nacional orienta nossos passos, lá fora e aqui dentro, na valoração do que é nosso, na expansão das exportações, na abertura de mercados, na defesa do interesse brasileiro, que outro não é senão o da felicidade de nosso povo.

Sinto a generosidade e a grandeza de nossa juventude no anseio de que o nosso progresso se faça sem detrimento de outros povos, sem pretensões de hegemonia, sem lideranças, sem imperialismos — em contribuição inteiramente nova para a evolução da humanidade.

Se parece inelutável que toda geração, ao invés de aceitar o patrimônio do passado, sempre prefira refazer as experiências das anteriores, peço à juventude de hoje que, ao menos, compreenda e meça o caminho percorrido pelas juventudes que vieram antes que esta viesse; e convido os mais experientes a que mantenham sempre abertas as portas da renovação, da descoberta e da conquista.

Apelo para a juventude destes dias para que compreenda que não é a primeira juventude idealista do Brasil e que não parará no tempo, mas que faz parte de um longo processo, que agora se acelera, e justifica a existência de um povo independente.

Apelo para que faça justiça às juventudes que a precederam, e reconheça que, ao longo destes 150 anos de independência prestes a ser comemorada, cada qual assumiu a responsabilidade pelos destinos do País, em estágio sempre superior, e que a validade de toda geração está em fazer sempre mais e não em tentar destruir o que as outras fizeram.

Que a nossa juventude, compreendendo o drama da juventude dos países que já se realizaram, envelheceram e decaíram, encontre, na alegria e no gosto de viver em um país em construção, o incentivo de toda hora e de todo desafio.

E deixo, com a minha emoção e com o meu agradecimento, aos diplomados destes dias, junto aos votos que lhes faço de plena realização profissional, a meditação de que a juventude de um país na hora da afirmação não pode adotar — por inércia, ressonância e mimetismo — o vazio e o desespero, o desânimo, o tédio e os torpores de jovens e tristes sombras da decadência.

E que os meus paraninfados do Brasil inteiro, e todos os companheiros de sua geração, sempre encontrem inspiração e alento para as suas dúvidas, suas inquietações, suas angústias, no sol deste país em ascensão.

(Discurso do Presidente Médici, como paraninfo dos diplomados da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, lido pelo seu representante — Professor Roberto Nogueira Médici — em 29 de dezembro de 1971).

NOSSO CAMINHO

“Voltando-me para o futuro, pressinto sempre maior a contribuição brasileira para os destinos do mundo. Vejo a continuidade e a amplificação de nosso caminho de entendimento, de tolerância e de fé. Vejo chegar, afinal, depois desses 150 anos de vida independente, a emancipação econômica do sonho dos inconfidentes. Vejo o crescimento material irmanar-se com esse humanismo brasileiro que nos distinguiu no mundo em século e meio de trajeto. Vejo o homem como o princípio e o fim de todo o nosso esforço.”

No dia da Fraternidade, trago, uma vez mais, aos brasileiros a minha saudação consciente da solidariedade que nos une.

Pela primeira vez nesse dia, falei ao País, dois meses depois de haver chegado ao Planalto, a fim de dizer que se rasgavam para a Nação perspectivas amplamente promissoras e que saberia enfrentar os desafios do presente, a fim de corresponder às esperanças do futuro.

Nesse dia voltei a falar, no amanhecer de 1971, e, tendo já vivido um ano como Chefe do Governo, fui à casa de todo brasileiro para avaliar o que, juntos, havíamos podido fazer a bem do nosso país.

Ao raiar o ano do Sesquicentenário, desejo refletir, antes de tudo, no grande passado desses 150 anos.

No retrospecto desse século e meio de vida independente, encontramos a inteligência, a cultura e o caráter de nosso homem em todos os domínios do pensamento e da ação.

Surpreendemos a participação individual de tantos brasileiros, em descobertas, em gestos, em exemplos, em palavras, em formas, em cores, em sons, mas está na contribuição sedimentada e conjunta de todas as gerações, a do povo brasileiro como um

tudo, a grande contribuição do Brasil à humanidade nesses 150 anos de sua vida.

Desejo referir-me ao humanismo brasileiro e ao muito que tem dado à concórdia e à paz universais. Desejo referir-me a esse modo brasileiro de viver, que faz sem fronteiras esta terra, que não apenas integra um país continente, mas abraça e incorpora quantos aqui venham radicar-se.

Não hesito em dizer que a contribuição maior ao longo desse tempo terá sido a colheita da generosidade e da hospitalidade, do espírito de tolerância, da harmonia entre as raças, e do nosso desprendimento, em favor da compreensão entre todos os homens e entre todas as nações.

Mas forçoso é confessar o quanto, na maior parte desse tempo, fomos descuidados, irrealistas e sonhadores; o quanto fomos indefinidos na vontade, nos propósitos e nos rumos.

Ao contrário do ocorrido na maioria dos países de potencialidades iguais à nossa, no Brasil madrugou o desenvolvimento dos valores morais e espirituais, enquanto tardava o indispensável crescimento de natureza econômica.

Tudo mudou, porém nestes últimos oito anos. Amadurecemos o bastante para descobrir as vantagens do equilíbrio e da ordem, do planejamento, do método, da continuidade e da convergência.

O Brasil emergiu, em oito anos apenas, da longa infância e da tumultuária adolescência, para o estágio de nação adulta e séria, que sabe para onde vai e sabe o que pretende.

A Nação tem hoje a tranqüila consciência de sua grandeza, em termos realistas, possíveis e viáveis.

veis. Temos agora a certeza de que o eterno país do futuro se transformou, afinal, no país do presente.

Assim conscientes do que somos e do que esperamos ser, encerramos 1971 e começamos o ano do Sesquicentenário.

O que passou foi um ano de resultados concretos e positivos; de esperanças e antecipações confirmadas; ano de povo unido, de país ouvido e respeitado, de alento e de vontade para enfrentar o muito ainda por fazer.

O ano que passou nos viu crescer, em dimensões maiores do que em 1970, na indústria e na vida do campo. Crescemos em confiança, em poupança interna e em livre empresa. Crescemos na ajuda técnica, na ajuda financeira, na assistência social aos desajudados de sempre, decrescendo na desigualdade, no juro, na inflação.

Crescemos no PROTERRA, no PRO-RURAL, no Programa de Integração Social, no Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público, no PRODOESTE, na Educação e no MOBREAL. Crescemos aqui dentro e lá fora; no respeito próprio e na coragem de sanear os costumes públicos, em austeridade, em moralidade e em eficiência administrativa. Crescemos nos números que contam os bens da Nação como um todo, e mais crescemos na distribuição desses bens e na justiça social.

Entramos em 1972 com todas as condições internas para manter esse ritmo ascendente de crescimento, que a todos nos empolga, e que dá a cada homem a alegria e a certeza de estar construindo um grande país.

Entramos em 1972 com todos os mecanismos econômicos ajustados e com os padrões de segurança necessários ao progresso, para ter, com a ajuda de Deus e com o esforço do povo, um ano igual ou melhor, e para enfrentar lá fora as surpresas e os riscos da competição mundial, assim como as incompreensões, as dificuldades e os problemas que, inelutavelmente, a nova dimensão de grandeza irá trazer.

Voltando-me para o futuro, pressinto sempre maior a contribuição brasileira para os destinos do mundo. Vejo a continuidade e a amplificação de nosso caminho de entendimento, de tolerância e de fé. Vejo chegar, afinal, depois desses 150 anos de vida independente, a emancipação econômica do sonho dos inconfidentes. Vejo o crescimento material irmanar-se com esse humanismo brasileiro que nos distinguiu no mundo em século e meio de trajeto. Vejo o homem como o princípio e o fim de todo o nosso esforço.

Assim pensando, assim medindo o passado e assim sondando o futuro, mais me animam a fé em Deus e a confiança de meu povo para cumprir o meu dever.

E de todos me aproximo, no voto de homem comum pela felicidade de cada brasileiro e de quantos fizeram desta a sua pátria, pelo bem-estar do Brasil e pelo entendimento entre todos os homens.

(Mensagem ao povo brasileiro, no limiar do Ano Novo, transmitida, por rede nacional de rádio e televisão, na noite de 31 de dezembro de 1971).

IDEAL DE HARMONIZAR

“Administrar quer dizer servir. E não há glória maior para cada um de nós do que a de servir, com eficiência e capacidade, ao ideal de harmonizar, no dia-a-dia da vida, o capital e o trabalho, pela honesta e produtiva gestão das empresas e pelo reconhecimento do direito dos empregados à participação nos frutos do progresso.”

Aos formandos desta Faculdade, a quem devo a honra e a alegria de me haverem eleito seu parainfo, quero, em primeiro lugar, agradecer o gesto, para mim muito significativo, como expressão do apoio sincero e espontâneo da juventude das escolas aos planos e às realizações de meu governo.

Exalto, como exemplo digno de ser imitado, a circunstância eloqüente de ser um sindicato o berço desta Faculdade. O sindicato deve existir para o fim primordial de congregar e amparar a classe que representa. Outra não é a diretriz, que procuro imprimir à ação sindical, cuja valorização estamos promovendo, por todos os meios a nosso alcance, para que o sindicato não se reduza nunca ao usufruto de minorias dirigentes, mas estenda a todos os associados os benefícios que pode e deve proporcionar. Entre esses benefícios, tem prioridade o da educação. Uma casa de ensino superior, criada e mantida por uma entidade sindical, é forma positiva e concreta de objetivar a política de altos propósitos, delineada pelo terceiro Governo da Revolução para ser o nervo e a alma de nosso esforço em prol do fortalecimento e da dignificação do sindicalismo.

Ao dirigir-me a mais uma plêiade de jovens, que deixam os bancos universitários para virem dar sua contribuição à sociedade e à Pátria, repito o que, de uma feita, já disse:

“O Brasil está a exigir dos seus filhos uma atuação que corresponda à magnitude do seu território, bem como aos alevantados ideais das gerações que nos legaram todo esse imenso patrimônio. Uma atuação, enfim, que se eleve à altura dos incontidos sonhos da mocidade que se prepara para dirigi-lo e cuja meta não pode ser outra, senão o triunfo final na arrancada para o desenvolvimento econômico e social.”

A carreira que abraçastes vos destina à profissão de contabilistas e de administradores de empresas. Sereis, portanto, os auxiliares indispensáveis daqueles que, na indústria, no comércio e em outros setores, contribuem para o enriquecimento do País, enriquecimento que jamais poderá deixar de ser simultâneo com o crescente bem-estar do trabalhador.

Administrar quer dizer servir. E não há glória maior para cada um de nós do que a de servir, com eficiência e capacidade, ao ideal de harmonizar, no dia-a-dia da vida, o capital e o trabalho, pela honesta e produtiva gestão das empresas e pelo reconhecimento do direito dos empregados à participação nos frutos do progresso.

Justiça social é a que surge da conjugação de energias para o fim de distribuir com equanimidade

a riqueza comum. Foi esse espírito que criou e anima o Programa de Integração Social, já em plena expansão, e é nele que deveis buscar modelo e alento, para que, no desempenho de vossos futuros deveres, venhais a ser instrumentos vivos e construtores conscientes de um Brasil renovado, firme na escolha de seus caminhos, orgulhoso de seu presente e certo de seu porvir de grandeza.

(Mensagem do Presidente Médici aos formandos da Faculdade de Ciências Contábeis e Administrativas do Estado da Guanabara, lida pelo seu representante, Ministro Júlio Barata, em solenidade de colação de grau, no Teatro João Caetano, no Rio de Janeiro, em 28 de janeiro de 1972).

PROVALE

© 2000 Blackwell Science Ltd

Abstract

Journal of Management Education 35(1)

“Insere-se o PROVALE, em suas linhas capitais, no arcabouço do planejamento geral estabelecido para o Vale do São Francisco, planejamento que não destoia, no que há de fundamental, dos valiosos estudos e projetos que, de longa data, se têm realizado entre nós, a respeito do aproveitamento das virtualidades econômicas dessa porção do território nacional, que tamanha atração exerce sobre a inteligência brasileira.”

PELA sua singular importância no quadro da vida brasileira, pelas múltiplas e transcendentales funções que nela está fadado a desempenhar, como fator de unidade e progresso do País, o rio São Francisco — tema obrigatório de quantos se interessam pelos grandes problemas nacionais — reclama dos governantes o melhor dos seus esforços para ajudá-lo a cumprir, em toda a plenitude, o relevante papel a que os seus especiais característicos o destinam.

Qualificado pelos estudiosos como rio da unidade nacional, sobre ele e sobre a extensa região que percorre se concentra, de longo tempo, profunda e minuciosa investigação, conduzida com agudeza e devotamento patriótico.

Sentindo que a Nação não podia tolerar maior delonga quanto ao aproveitamento, em escala adequada, dos recursos oferecidos por essa bacia hidrográfica, o legislador constituinte, em decisão histórica, estipulou que nisso se empregasse parte da renda nacional. Prescreveu-se, assim, no artigo 29 do Ato das Disposições Transitórias da Constituição de 1946, que o Governo Federal ficava obrigado, dentro do prazo de vinte anos, a contar da promulgação dessa Carta Política, a traçar e executar um plano de aproveitamento total das possibilidades econômicas do rio São Francisco e seus afluentes, no

qual aplicaria, anualmente, quantia não inferior a um por cento de suas rendas tributárias.

A ação administrativa que para logo se desencadeou, sob o influxo desse preceito constitucional, rendeu, ao longo dos anos, frutos consideráveis. A valorização do Vale do São Francisco deixou, pois, de constituir expressão meramente retórica para se converter em princípio de ação eficaz e proveitosa. A cópia e a magnitude das obras realizadas, em cumprimento dos planos estabelecidos, dentro das melhores concepções, representam contribuição inestimável para o desenvolvimento dessa região. Além de outros empreendimentos de grande porte, é bastante indicar, para dar a medida do que aí já se realizou, a construção das usinas de Três Marias e Paulo Afonso. Aproveitando largamente o potencial energético do São Francisco, esses empreendimentos, na sua múltipla finalidade, servem de variado modo às atividades produtivas, que se desenvolvem no extenso território sob a influência desse sistema hidrográfico.

Sempre se ressaltou, porém, que a valorização do Vale do São Francisco era tarefa que transcendia a capacidade de uma só geração. Explica-se, por conseguinte, que, nos vinte anos assinados na regra constitucional, o aproveitamento econômico do grande Vale se haja mostrado insuficiente para responder de modo satisfatório às exigências de suas populações.

Corrido esse prazo, prosseguiram, por isso, sem desfalecimento, em todos os setores, os trabalhos para cumprir, dentro dos recursos disponíveis, os objetivos sociais e econômicos, que inspiram, a esse propósito, a ação governamental. Totalmente empenhada no cumprimento desses objetivos se encontra,

desde 1967, a Superintendência do Vale do São Francisco — SUVALE, entidade pela qual se substituiu a Comissão do Vale do São Francisco, criada em 1948.

Modificando, em parte, a política que vinha sendo observada, a fim de imprimir maior rendimento à sua atividade, a SUVALE concentrou o seu esforço desenvolvimentista em áreas determinadas, cuidadosamente escolhidas segundo critérios de natureza técnica.

O lançamento de novos programas de desenvolvimento regional e o ritmo que se imprime à sua execução exigem, no entanto, que se complementem os planos relativos ao aproveitamento das possibilidades econômicas do São Francisco, a fim de que mais se acelere a sua integração no processo de desenvolvimento nacional. Em razão das grandes decisões consubstanciadas no Programa de Integração Nacional, no Programa de Redistribuição de Terras e de Estímulo à Agro-indústria do Norte e do Nordeste, bem como no Programa de Desenvolvimento do Centro-Oeste, o Vale do São Francisco passou a revestir significado ainda maior como elemento de articulação econômica, social e política entre as grandes regiões do País.

É imprescindível que as margens desse grande caudal não sirvam somente, como por vezes tem ocorrido, de simples caminho para a migração interna de populações que, tangidas pela hostilidade do meio e a aspereza da vida, procuram outros territórios ou grandes centros urbanos em busca de melhores condições de subsistência. Cumpre que à bacia do São Francisco se atribuam as condições necessárias para que retenha as laboriosas populações que nela vivem e atraia, para aí se fixarem, os contingentes popula-

cionais provindos de áreas menos adequadas ao trabalho e ao viver humano. Importa, em outras palavras, que o Vale do São Francisco adquira, com a maior celeridade, os requisitos indispensáveis para atuar eficazmente como aglomerador de populações, desempenhando, dessa forma, em proveito da nossa gente, a função para a qual, pelos seus atributos, está predestinado.

Para que se possa atingir, dentro de prazo mais breve, esse superior objetivo, deliberei lançar novo programa, de caráter especial, para o Vale do São Francisco. Complementando os programas já em execução, esse novo programa, PROVALE, tem por fim integrar, em curto prazo, ao processo nacional de desenvolvimento, grandes áreas dessa região insuficientemente povoadas.

Aproveitar-se-ão, para isso, de modo particular, as zonas úmidas ou subúmidas aí existentes, zonas que, pelos seus recursos em água e terras aráveis, somente estão à espera dos agentes catalisadores consistentes em infra-estrutura, tecnologia, recursos financeiros e mão-de-obra. Ampliar-se-á, dessa maneira, o mercado de trabalho no próprio Nordeste, abrindo-se novas oportunidades de emprego, que poderão absorver, a meio caminho, as migrações em direção ao Centro-Sul. Proporcionar-se-á, além disso, para essas migrações, mais um polo de atração, a par dos configurados pela Transamazônica e pelo Planalto Central. Possibilitar-se-á, igualmente, melhor utilização, como meio de transporte entre o Nordeste e o Centro-Sul, do rio São Francisco, no longo trecho navegável — cerca de mil e trezentos quilômetros — situado entre as cidades de Pirapora, em Minas Gerais, e Juazeiro-Petrolina, na fronteira dos Estados da Bahia e Pernambuco.

Entre o porto fluvial de Pirapora, cuja construção está sendo iniciada, e os portos de Petrolina e Juazeiro, em fase de conclusão, serão executadas obras de dragagem, regularização e balizamento do curso d'água, com o fito de garantir-se plena utilização do trecho navegável. Ampliar-se-á e reaparelhar-se-á, por outro lado, a frota mercante, mediante a aquisição de novas e modernas embarcações, bem como de conjuntos de chatas, para assegurar-se amplo e regular sistema de navegação ao longo dessa grande via fluvial. Atacar-se-á, ao mesmo tempo, a construção de eclusas para a navegação na barragem de Sobradinho e providenciar-se-á a reurbanização e recolocação das cidades e vilas inundadas pelo reservatório.

Paralelamente a isso, implantar-se-á, no setor geral de transportes, rede rodoviária básica, essencial ao desenvolvimento do Vale, conectando-se, por essa forma, os portos fluviais aos centros de produção e comércio. Por intermédio de estradas pavimentadas, ligar-se-á a rede rodoviária do Centro-Sul ao porto fluvial de Pirapora e a rede rodoviária do Nordeste aos portos de Petrolina e Juazeiro, estabelecendo-se, também, as primeiras comunicações diretas, por via rodoviária, entre Brasília e os Estados do Nordeste.

Mediante a implantação de projetos de reflorestamento e criação de parques nacionais, proteger-se-ão, por outro lado, as nascentes do rio São Francisco e outras áreas de sua bacia hidrográfica. Empreender-se-ão, além disso, dentro do âmbito de atuação do PROVALE, obras de urbanização, infraestrutura social, saneamento e irrigação.

Apoio decidido se dará, por igual, aos programas de colonização, irrigação e desenvolvimento agrícola das regiões de Rio Corrente, Rio Grande,

Irecê, Paracatu, João Pinheiro, Montes Claros, Petrolina-Juazeiro, Penedo e Propriá. Correspondem essas áreas a um total de terras aráveis de cerca de dois milhões e duzentos mil hectares, dentro de três milhões de hectares, que é a quanto monta a área de terras aráveis do São Francisco. Todas essas regiões, excetuada a de Irecê, estão classificadas como de clima úmido ou clima subúmido.

São atribuídas ao PROVALE, sem prejuízo das verbas orçamentárias devidamente autorizadas, dotações no valor de oitocentos e quarenta milhões de cruzeiros, distribuídas pelos exercícios de 1972 a 1974. Entre esses recursos se incluem duzentos milhões de cruzeiros para financiamento de projetos agrícolas e agro-industriais, a cargo de empresas privadas, cuja cooperação é fundamental para que o desenvolvimento da região assuma o ritmo que o interesse público reclama. Diante do vulto das obras de infra-estrutura, que serão desencadeadas por via do PROVALE, a iniciativa privada, encorajada pelo volume de recursos destinados a financiamentos, emprestará, sem dúvida, o precioso concurso de sua capacidade realizadora para o mais rápido desenvolvimento econômico dessa ampla e promissora região.

Insere-se o PROVALE, em suas linhas capitais, no arcabouço do planejamento geral estabelecido para o Vale do São Francisco, planejamento que não destoa, no que há de fundamental, dos valiosos estudos e projetos que, de longa data, se têm realizado entre nós, a respeito do aproveitamento das virtualidades econômicas dessa porção do território nacional, que tamanha atração exerce sobre a inteligência brasileira.

Embora não seja tudo quanto gostaria de fazer, particularmente no tocante ao domínio das águas e,

por via de consequência, ao domínio da terra no Vale do São Francisco, o PROVALE testemunha, em termos categóricos, mais um extraordinário esforço do Governo da Revolução para corrigir as desigualdades regionais e levar o desenvolvimento econômico a todos os quadrantes da Nação.

Assinando, como agora passo a fazer, o decreto-lei que institui este novo e grande programa, desejo, sobretudo, com a valorização econômica e social do grande Vale, valorizar, pela melhoria de seu nível de vida, as populações que nele habitam e que constituem, pela sua eminente dignidade, o mais precioso dos bens de que dispõe o Vale do São Francisco.

(Discurso perante o Ministério, no Palácio do Planalto, anunciando a criação do Programa Especial para o Vale do São Francisco — PROVALE, a 7 de fevereiro de 1972).

ÍNDICE DE NOMES E DE ASSUNTOS

A

- ADMINISTRAÇÃO — Administrar quer dizer servir — 84.
- AFIRMAÇÃO NACIONAL e a juventude — 68.
- ALIADO — Os Estados Unidos sabem que sempre encontrarão no Brasil um aliado leal e independente — 34.
- ALTAMIRA — Município do Estado do Pará — 67.
- ALTO PARAGUAI — Região do Mato Grosso, na área do PRODOESTE — 14.
- AMADURECIMENTO — Amadurecemos o bastante para descobrir as vantagens do equilíbrio e da ordem, do planejamento, do método, da continuidade e da convergência — 76.
- AMÉRICA LATINA — Cooperação e solidariedade interamericanas e ação concertada da América Latina — 41; ... As posições da América Latina e o encaminhamento da solução dos grandes problemas internacionais — 43.
- AMIZADE — Reafirmação de velha e segura amizade entre os Estados Unidos e o Brasil — 21; ... Amizade consolidada em momentos extremamente difíceis para ambos (EUA e Brasil) — 21; ... Não pode a nossa posição ser a mesma diante de todos os problemas internacionais, nem é isto o que se espera de nossa franca e leal amizade — 22; ... A amizade entre os dois países é um fato histórico e um dado permanente da política externa de um e de outro país — 27/28; ... Nossa amizade passou por todas as provas da paz e da guerra — 34; ... Sobre as bases da confiança recíproca, a preservação da grande amizade — 34.
- ANÁPOLIS — Cidade de Goiás, na área do PRODOESTE — 15.
- ANO — Agradecimento a Deus pelo ano que nos deu — 59; ... Em 1971 o Brasil adquiriu o lugar que lhe cabia como grande nação — 59; ... O ano que finda parece que não surpreendeu só aos dirigentes — 59; ... Desejos para 1972 — 59/60; ... Balanço do ano que passou — 77; ... Perspectivas para 1972 — 77/78.

AQUIDAUANA — Município do Mato Grosso, na área do PRODOESTE — 14.

B

BRASIL — O Brasil de hoje aceita o desafio da História — 22; ... O Brasil não se pode mostrar indiferente e apático diante de novos fatos e circunstâncias — 22; ... O Brasil está atento às peculiaridades do mundo contemporâneo — 40; ... O Brasil não calará sua voz nem recusará sua cooperação nos foros mundiais e continentais — 50; ... O Brasil e sua participação na comunidade das nações — 50; ... O Brasil e os problemas mundiais — 50; ... Brasil, conceito de interdependência e os estágios prévios de soberania política e de emancipação econômica — 51; ... O Brasil realiza a única expansão a que tem direito — 52; ... O Brasil tem hoje plena confiança em si mesmo — 52; ... Brasil, suas transformações e a fidelidade a si mesmo — 53; ... O Brasil, em 1971, adquiriu o lugar que lhe cabia como grande nação — 59; ... Entregar aos futuros governantes da República o País com novos padrões morais e novas maneiras de viver — 60; ... O Brasil, da adolescência ao estágio de nação adulta e séria — 76; ... A Nação e sua consciência de grandeza — 76; ... O país do futuro transformado no país do presente — 77; ... O Brasil e a atuação que está a exigir de seus filhos — 84.

C

CAMPO GRANDE — Cidade do Mato Grosso, na área do PRODOESTE — 14/15.

CENTRO-OESTE — Incorporação de mais uma considerável parcela do nosso patrimônio territorial ao processo de integração econômica do Brasil — 14.

CERES — Cidade de Goiás, na área do PRODOESTE — 15.

COMUNIDADE DAS NAÇÕES — O novo ordenamento mundial e uma fase, também inteiramente nova, de paz, de justiça e de progresso para todos os membros da comunidade das nações — 34; ... O Brasil e sua colocação na comunidade das nações — 40; ... OEA como foro onde se harmonizem e se conjuguem os pontos de vista dos países americanos, para mais ampla e mais ativa participação na comunidade das nações — 43; ... O Brasil e sua responsabilidade dentro da comunidade das nações — 50; ... Acreditamos em uma comunidade de nações livres e soberanas que sentem a necessidade histórica de afirmar-se — 50; ... Qualquer passo concreto no sentido da realização do conceito de interdependência dos diferentes membros da comunidade das nações há de pressupor, necessariamente, os estágios prévios de soberania e de emancipação econômica — 51.

CONFIANÇA — O Brasil tem hoje plena confiança em si mesmo — 52; ... Fé em Deus e confiança no povo — 78.

COOPERAÇÃO — Um novo ponto de partida na cooperação entre Brasil e Estados Unidos — 49; ... O Brasil não calará sua voz nem recusará sua cooperação nos foros mundiais e continentais — 50; ... As relações entre Brasil e

EUA e as bases de uma cooperação de longo alcance — 51.

CORUMBÁ — Município de Mato Grosso, na área do PRODOESTE — 14.

COSTA RICA — Exemplo de devoção ao ideal da unidade latino-americana e de solidariedade continental — 39.

COXIM — Município do Mato Grosso, na área do PRODOESTE — 14.

CPOR — De Porto Alegre — 65 e 67.

CRESCIMENTO — Balanço do crescimento do País em 1971 e perspectivas para 1972-77: ... Crescimento material irmanado ao humanismo brasileiro — 78.

CUIABÁ — Capital na área do PRODOESTE — 15.

D

DEPARTAMENTO DE ESTADO (Washington) — Visita do Presidente Médici — 27.

DESARMAMENTO — Correlação entre os conceitos de segurança internacional, de desarmamento e desenvolvimento econômico, e a posição das nações latino-americanas na ONU — 43.

DESCOMPROMISSO — «Com esse impulso também até aqui cheguei: sem compromissos. Vim de mãos livres e limpas, sem pagar a ninguém o que não devo. E sinto que esse meu descompromisso, aos jovens, ainda mais me afeiçoa.» — 67.

DESENVOLVIMENTO — Quer o Governo que todas as regiões do País se incorporem ao pro-

cesso nacional de desenvolvimento — 13; ... Incumbe ao Governo expandir as nossas fronteiras econômicas e sociais, a fim de acelerar o crescimento do País — 13; ... O desenvolvimento constitui responsabilidade primordial de cada um dos Estados do Continente — 40; ... Os imperativos da geografia e os problemas de desenvolvimento regional, em quase todos os países — 41; ... O desenvolvimento repousa no esforço nacional — 41; ... Correlação entre desenvolvimento econômico e social e o comércio exterior — 41; ... A cooperação para o desenvolvimento econômico e social em clima de autêntica solidariedade política e perfeita harmonia com os planos nacionais — 41; ... Correlação entre os conceitos de segurança internacional, de desarmamento e de desenvolvimento econômico, e a posição das nações latino-americanas na ONU — 43.

DEUS — Agradecimento pelo ano que passou e preces para o ano que se inicia — 59/60; ... A ajuda de Deus para o ano que se inicia — 78; ... Fé em Deus e confiança no povo — 78.

DIÁLOGO — Bases de novo diálogo entre Brasil e EUA — 21; ... Diálogo em novo tom de realismo — 27; ... O diálogo iniciado (entre Brasil e EUA) e sua continuação através dos anos — 28; ... Diálogo necessário e oportuno — 49; ... Diálogo bilateral com países amigos — 50; ... Diálogo de paz, de entendimento e de realizações comuns — 52.

DISTRITO FEDERAL — Como área a ser beneficiada pelo PRODOESE — 14.

DOURADOS — Município do Mato Grosso, na área do PRODOESTE — 14.

E

ECONOMIA — Não admite o Governo que o progresso econômico-social se restrinja a determinadas porções do nosso território — 13; ... Cumpre ao Governo promover a descentralização da economia — 13; ... — Incumbe ao Governo expandir as nossas fronteiras econômicas e sociais — 13; ... O desenvolvimento dos valores morais e espirituais e o crescimento de natureza econômica — 76.

EDUCAÇÃO — Como objetivo da ação sindical — 83.

ESTADOS UNIDOS — Visita do Presidente Médici aos EUA — 21/22, 27—28, 33—34, 39/44, 49/53.

EXPANSÃO — O Brasil realiza a única expansão a que tem direito: dentro de suas próprias fronteiras, mediante o trabalho de seu povo — 52.

F

FÉ — Fé em Deus e confiança no povo — 78.

FUTURO — A contribuição do Brasil no futuro — 78.

G

GERAÇÃO — E o patrimônio do passado — 68; ... A validade de toda geração está em fazer sempre mais e não em tentar destruir o que as outras fizeram — 69; ... A contribuição de todas as gerações — 75.

GOIÂNIA — Capital na área do PRODOESTE — 15.

GOIÁS — Sul de Goiás, área a ser beneficiada pelo PRODOESTE — 14.

GOVERNO — Incumbe ao Governo expandir as nossas fronteiras econômicas e sociais — 13; ... Cumpre ao Governo promover a descentralização da economia — 13; ... Sintonia entre Governo e povo — 66; ... O terceiro Governo da Revolução e sua política de altos propósitos — 83; ... Esforço do Governo da Revolução para corrigir as desigualdades regionais — 97.

H

HEGEMONIA — Progresso sem pretensões de hegemonia — 68.

HISTÓRIA — O Brasil de hoje aceita o desafio da História — 22; ... A História, as transformações e deslocamentos do poder — 50.

HOMEM — O Brasil e a luta em defesa da liberdade e da dignidade do homem — 50; ... O homem como o princípio, o meio e o fim de toda organização política — 51, 60 e 78.

HUMANISMO — Contribuição do humanismo brasileiro — 76; ... Crescimento material irmanado ao humanismo brasileiro — 78.

I

IRECÊ — Região mineira a ser beneficiada pelo PROVALE — 96.

ITUMBIARA — Região do sudeste de Goiás, na área do PRODOESTE — 14.

J

JATAÍ — Região do sudeste de Goiás, na área do PRODOESTE — 14.

JOÃO PINHEIRO — Região de Minas Gerais, na área do PROVALE — 96.

JUAZEIRO — Cidade baiana no trecho navegável do rio São Francisco — 94/95.

JUSTIÇA SOCIAL — e conjugação de energias — 84/85.

JUVENTUDE — «... Sinto que não há uma juventude isolada no tempo, senão que existem juventudes que se vão sucedendo solidárias» — 66; ... Confiança na juventude sem compromisso — 66/67; ... Características e idealismo da juventude — 66; ... Impulso de afirmação nacional da juventude — 67; ... Juventude e anseio de progresso — 68; ... Apelo à juventude — 68/69; ... O drama da juventude dos países que já se realizaram — 69; ... Apoio da juventude às realizações do Governo — 83.

M

MATO GROSSO — Sul do Mato Grosso, área a ser beneficiada pelo PRODOESTE — 14.

MINISTROS — Resposta a uma saudação de Natal — 59/60.

MIRANDA — Município do Mato Grosso, na área do PRODOESTE — 14.

MOBRAL — e seu crescimento em 1971 — 77.

MONTES CLAROS — Município mineiro, na área do PROVALE — 96.

N

NATAL — Agradecimento à saudação dos Ministros de Estado — 59/60.

O

ORGANIZAÇÃO dos Estados Americanos (OEA) — O grande papel reservado para a OEA: o de foro de liberdade e não de arregimentação — 43; ... OEA, seus objetivos, ação e preocupações — 39/44.

ORGANIZAÇÃO das Nações Unidas (ONU) — A posição das nações latino-americanas nas 25ª e 26ª Assembléias Gerais da ONU — 43.

P

PANTANAL — Região do Mato Grosso, na área do PRODOESTE — 14/15.

PARACATU — Município de Minas Gerais, na área do PROVALE — 96.

PASEP (Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público) — 77.

PAZ — A cooperação entre Brasil e EUA e a preservação da paz e da segurança no Hemisfério — 51.

PENEDO — Cidade alagoana, na área do PROVALE — 96.

PETROLINA — Cidade pernambucana, no trecho navegável do Rio São Francisco — 94.

PIRAPORA — Cidade mineira, no trecho navegável do Rio São Francisco — 94/95.

PLANALTO — Região, ao sul do Mato Grosso, na área do PRODOESTE — 14.

PLANALTO CENTRAL — Como pólo de atração migratória — 94.

POLÍTICA EXTERIOR — Um dos objetivos capitais da política exterior do Governo: corrigir a defeituosa e injusta estrutura do comércio internacional — 42.

PODER — O Brasil, os problemas mundiais e a estrutura do poder mundial — 50; ... A História, as transformações e deslocamentos do poder — 50.

PORTO MURTINHO — Município do Mato Grosso, na área do PRODOESTE — 14.

Povo — «Não tolera o povo brasileiro qualquer intervenção em assuntos de sua exclusiva jurisdição doméstica.» — 51; ... Sintonia entre Governo e povo — 66; ... Fé em Deus e confiança no povo — 78.

PRODOESTE (Programa de Desenvolvimento do Centro-Oeste) — Destinado a incrementar o desenvolvimento econômico do sul dos Estados do Mato Grosso, de Goiás e do Distrito Federal, e seus objetivos básicos — 14/16; ... e o idealismo da juventude — 68; ... em 1971 — 77; ... e o Vale do São Francisco — 93.

PROGRAMA de Integração Social — Dentro do processo nacional de desenvolvimento — 13; ... e o idealismo da juventude — 68; ... em 1971 — 77; ... e a justiça social — 85; ... e o Vale do São Francisco — 93.

PROGRESSO — Participação nos fundos do progresso — 84.

PROPRIÁ — Município de Sergipe, na área do PROVALE — 96.

PRO-RURAL (Programa de Assistência ao Trabalhador Rural) — em 1971 — 77.

PROTERRA (Programa de Redistribuição de Terras e de Estímulo à Agro-indústria do Norte e do Nordeste) — Dentro do processo nacional de desenvolvimento — 13; ... e o idealismo da juventude — 68; ... em 1971 — 77; ... e o Vale do São Francisco — 93.

PROVALE (Programa Especial para o Vale do São Francisco) — Seus objetivos — 94/97.

R

RELAÇÕES INTERNACIONAIS -- Nossas relações pacíficas se têm mantido inalteráveis — 21; ... «Nossas relações nos anos vindouros não poderão deixar de refletir as promessas e incertezas que se acumulam no panorama internacional» — 22; ... É chegado o momento para a fixação de um novo ponto de partida nas relações pacíficas e amistosas entre o Brasil e os EUA — 27; ... Esforço conjunto na fixação de um novo ponto de partida — 33; ... O Brasil diante de novos fatos e circunstâncias — 34; ... O crescimento das relações entre os povos do Hemisfério e a unidade continental — 43/44; ... Conceitos sobre as relações entre Brasil e Estados Unidos — 51.

REVOLUÇÃO — O terceiro Governo da Revolução e sua política de altos propósitos — 83; ... Esforço do Governo da Revolução para corrigir as desigualdades regionais — 97.

RIO BRILHANTE — Município do Mato Grosso, na área do PRODOESTE — 14.

RIO SÃO FRANCISCO — Fator de unidade e progresso, e seu aproveitamento — 91/94.

RIO VERDE — Região, no sudeste de Goiás, na área do PRODOESTE — 14/15.

S

SEGURANÇA — Correlação entre os conceitos de segurança internacional, de desarmamento e desenvolvimento econômico, e a posição das nações latino-americanas na ONU — 43; ... cooperação entre Brasil e EUA e a preservação da paz e da segurança no Hemisfério — 51; ... As ameaças de interferência externa e a adoção de medidas de segurança — 51.

SERRA DO MAR — 67.

SESQUICENTENÁRIO — Ao raiar do ano do Sesquicentário — 75 e 77; ... A emancipação econômica depois de 150 anos de vida independente — 78.

SINDICALISMO — Finalidade e diretrizes da ação sindical — 83.

SOBERANIA — A necessidade de resguardar-se a soberania e entidade moral de cada um dos nossos Estados — 40; ... Planos nacionais, definidos e elaborados sob a responsabilidade exclusiva dos Estados, pois a cada um cabe forjar seu próprio destino — 41; ... Acreditamos em uma comunidade de nações livres e soberanas que sentem a necessidade histórica de afirmar-se — 50/51; ... Conceito de interdependência e os estágios prévios de soberania política e de emancipação econômica — 51; ... «Não poderão afastar-nos do caminho que nós mesmos soberanamente escolhe-

mos.» — 51; ... «Não tolera o povo brasileiro qualquer intervenção em assuntos de sua exclusiva jurisdição doméstica.» — 51; ... Os Estados Unidos sabem que sempre encontrarão no Brasil um aliado leal e independente — 34.

SOCIEDADE — Voltada para o homem, que deve ser o princípio, o meio e o fim de toda organização política — 51.

SUVALE (Superintendência do Vale do São Francisco) — 93.

T

TRANSAMAZÔNICA — Como pólo de atração migratória — 94.

U

UNIDADE — «Já não nos encontramos espiritualmente separados pelas distâncias físicas, nem pelo desconhecimento recíproco. Ao contrário, cada vez mais nos acercamos uns dos outros ...» — 40.

UNIVERSIDADE Federal do Rio Grande do Sul — Mensagem aos formandos da Escola de Engenharia — 65.

USINAS — De Capivari — 67; ... de Três Marias e de Paulo Afonso — 92.

V

VALE do São Francisco — sua valorização através do PROVALE — 91/97.

VERDADE — «Devemos falar a linguagem da verdade e da sinceridade e somente sobre esta base conseguiremos realizar algo de permanente e de duradouro.» — 27.

SUMÁRIO

	Págs.
PRODOESTE	9
Diálogo fraternal	17
Momento de amizade	23
Realidade em mutação	29
Foro de liberdade	35
Conceito de interdependência	45
O ânimo de fazer	55
Palavras à juventude	61
Nosso caminho	71
Ideal de harmonizar	79
PROVALE	87

Este livro foi composto e impresso no Departamento de Imprensa Nacional, em junho de 1972, para a Secretaria de Imprensa da Presidência da República.